



CARINA ROSA

Carina Rosa nasceu em Lisboa em 1986 e vive no Algarve. Passou grande parte da sua vida num ginásio e depois de ter integrado, como atleta, nas épocas de 2002-2004, a Selecção Nacional de Trampolins e Desportos Acrobáticos, participando em várias competições internacionais, descobriu na escrita uma outra paixão. Licenciou-se em Ciências da Comunicação pela Universidade do Algarve e trabalhou em jornalismo de imprensa, na rádio e televisão online. No entanto, a ginástica foi sempre a sua casa e é trabalhando com classes de formação gímnica que passa os seus dias, como técnica de Ginástica Acrobática. Considera-se uma apaixonada pelas artes e pela cultura, no geral, estabelecendo uma relação muito próxima entre a música, a dança e as letras. A escrita é uma paixão que tomou forma em 2012, ao publicar o seu primeiro romance *O Intruso*. Desde então tem-se dedicado a escrever diversos romances, uns mais leves, outros com um carácter mais denso, entre histórias contemporâneas e policiais, os seus géneros favoritos. Gosta de abordar as diversas relações com um balanço entre o realismo e o drama. Em 2013, deu a conhecer aos leitores *As Gotas de um Beijo*. De momento, está a trabalhar num romance policial. *A sombra de um passado* é a sua terceira obra publicada.

CARINA ROSA

A SOMBRA DE
UM PASSADO

coolbooks

1

Concentração

Passaram-se dez anos desde que ele fora preso. Naquela noite fatídica de passagem de ano, os seus destinos separaram-se definitivamente. Dez anos de pena cumprida, de paz, de promessas de um futuro promissor. Mas ele podia aparecer a qualquer momento para destruir tudo o que ela construía.

A concentração de motas permanecia igual. O mesmo cheiro a óleo e a gases do escape, enquanto as motas invadiam o recinto. O barulho ensurdecedor trazia-lhe sempre à memória a imagem de Hugo. As barracas continuavam apinhadas de gente debruçada sobre os balcões à espera de um novo copo de bebida, enquanto esperavam pelo início de mais um concerto. Raparigas com cerca de 14 ou 15 anos usavam calções curtos acima das nádegas e cambaleavam apoiadas umas nas outras ou beijavam um rapaz qualquer, perdidas de bêbedas. Aquela visão deu-lhe voltas ao estômago.

– Clara? – chamava uma vizinha estranhamente familiar, enquanto ela continuava hipnotizada no palco vazio, a mão na face direita, como se sentisse nesse instante as mesmas bofetadas que levava tantas vezes do pai. – Clara? – insistiu a mesma voz feminina, batendo-lhe com os dedos no ombro.

Girou nos calcanhares.

– O que foi?

– O concerto já acabou e falta... – Olhou para o relógio de pulso.

– Meia hora para começar o próximo.

Clara abanou a cabeça.

– Eu sei.

– O que é que fazes aí espedada?

– Não sei – confessou Clara.

– Estás bem?

Ela sorriu-lhe. Tatiana estava bonita naquela noite. Os cabelos castanhos, habitualmente presos num rabo de cavalo apertado, estavam soltos e moldavam-lhe o rosto moreno. O vestido branco contrastava na perfeição com a pele bronzeada pelo sol daquele verão.

– Estou ótima – mentiu.

– Não pareces – acusou a irmã.

– Acho que bebi um pouco de mais.

– Queres que te vá buscar água?

– Acho que preciso é de mais uma cerveja – contrapôs Clara.

Tatiana riu-se, puxando-a por um braço em direção às grades do recinto.

– Já não bebes mais hoje.

– Eu sou a irmã mais velha, lembras-te?

– E a mais irresponsável.

Clara revirou os olhos.

– Sim, claro, tinha-me esquecido que és a parte boa da família.

– O que seria da família sem uma ovelha negra? – perguntou Tatiana.

Clara sorriu-lhe com ternura.

– O que é que estás aqui a fazer? O Paulo deve estar à tua espera.

– Só tu mesmo para aturares um homem 24 horas por dia. Ele está ali, a divertir-se com os amigos – disse-lhe, apontando na direção do namorado. – Assim não me chateia.

– Vá lá, confessa que o adoras.

– Adoro vê-lo longe.

Clara fez uma expressão incrédula.

– O que dirias se ele te abandonasse definitivamente? – interrogou, arqueando uma sobrancelha.

Tatiana suspirou.

– Talvez me importasse um pouco – reconheceu. – Vá lá, Clara, eu gosto dele, mas não dependo dele.

Não precisava de ouvi-la dizê-lo para o saber. Tatiana nunca fora dependente de homem nenhum, ao contrário de si. Interrogava-se

se lhe estaria nos genes ou se esse carácter fora adquirido após os anos em que viveram com os pais, no seio de um ambiente violento e discriminatório. Mas, acima de tudo, interrogava-se se seria ela própria culpada pela visão negra que Tatiana tinha do amor.

Bebeu o último gole de cerveja, deixando o copo vazio, e estendeu-o na direção da irmã. Não lhe apetecia beber nem sabia dizer como conseguira ingerir tal quantidade de álcool numa só noite, mas sentia-se fraca e talvez a bebida a ajudasse a esquecer tudo o que a preocupava.

– Mais – pediu.

– Não!

– É uma ordem.

– Já te disse que não vais beber mais. O que é que se passa contigo?

– Não sei.

– Tinhas saudades disto?

Clara suspirou e olhou em redor, para o recinto e para as mesmas pessoas desconhecidas que observara há instantes.

– Não. Agora que aqui chegámos e que estou bêbeda, apercebo-me de que estou farta. Já não gosto disto, entendes? Afinal, porque é que viemos?

– Porque o Paulo queria vir e porque eu queria estar contigo.

– Ah, sim, isso. O Santiago não gosta destas coisas, sabes?

– Tu costumavas gostar.

– Costumava, dizes bem.

Tatiana levou-lhe os dedos aos ombros e massajou-os.

– Estás demasiado tensa. É por causa dele?

Clara susteve a respiração.

– Dele?

– Não tens de esconder-me nada. Sei que estavas a pensar no Hugo quando te encontrei sozinha em frente ao palco – disse-lhe a irmã.

Era verdade que pensara em Hugo instantes antes, mas não era nele que pensava quando Tatiana lhe aparecera pelas costas. Era no pai.

– Porque é que dizes isso?

– Algum dia ele te saiu do pensamento?

--É um pouco difícil que isso aconteça, não te parece?

Não depois do que ele me fez, pensou para si mesma. Não depois do que eu lhe fiz.

Tatiana chocou o ombro contra o dela.

– É a concentração, não é? – insistiu Tatiana.

– O que tem a concentração?

– O cheiro dele... os vestígios dele.

Clara respirou fundo.

– É a concentração – admitiu.

– Tens medo que ele apareça?

Se Hugo não tivesse sido preso naquela noite, tinha a certeza de que apareceria e seria o centro das atenções. Hugo irromperia pela relva do recinto a uma velocidade absurda que obrigaria as pessoas a desviarem-se dele. Adorava ver-lhes o temor nos olhos. Ela estaria com ele, como sempre, abraçada ao seu corpo musculado, enquanto sentia a brisa do vento a percorrer-lhe o rosto, os cabelos longos e louros a saltarem-lhe para os olhos.

O coração palpitava-lhe forte no peito enquanto sentia a mão de Tatiana a abanar-lhe o braço. Voltou a fixá-la nos olhos castanhos. Eram idênticos aos seus, a única coisa que tinham em comum no aspeto físico.

– Vamos embora – pediu Clara.

– Já? Não querias ver o concerto?

– Não, tu é que querias ver o concerto.

– Não é a mesma coisa? – inquiriu a irmã.

– Eu vou-me embora – decidiu Clara, pondo-se de pé.

– OK, vai tu. Eu fico, mas chama um táxi, está bem?

– Eu tenho carro.

– Não estás em condições de conduzir – contrapôs Tatiana, de testa franzida. – Porque não esperas um pouco? O Paulo leva-nos e deixas o carro no parque. Vimos buscá-lo amanhã.

– Não quero deixá-lo aí. É perigoso.

– É mais perigoso ires a conduzi-lo. – Suspirou. – O Santiago está a trabalhar?

– Hoje deve chegar de madrugada.

Tatiana sentou-se na relva junto à grade e puxou-a para si.

– Está bem. Então ficamos aqui até te sentires preparada para ir
– disse-lhe, encostando a cabeça à grade e fechando os olhos.

– Vais dormir?

– Estou cansada.

– Ouve: eu estou preparada para ir. Até faço o quatro de pé para tu veres. Larga-me o braço.

– Não vou largar, maninha.

– Tatiana, eu vou...

– Não adianta insistires – atirou, abrindo um dos olhos. – Nem fugires. Eu encontro-te.

Clara riu-se, mas depressa o sorriso se desvaneceu ao ouvir o som da primeira bateria em cima do palco.

– Vai começar – declarou.

– Ouço bem daqui.

– Não queres ver da primeira fila? – quis saber Clara.

– Queria, mas agora já não.

– É para isso que queres ficar aqui? Para dormir?

Clara desenvencilhou-se do braço da irmã e levantou-se, mas logo se voltou a sentar.

– Desististe ou não te consegues equilibrar em pé? – questionou Tatiana, ainda de olhos fechados e soltando uma gargalhada.

– As duas coisas.

Tatiana passou-lhe uma mão pelo ombro.

– Descansa.

Clara engoliu em seco.

– Não tarda será o concurso das motas.

– O que tem isso?

Clara não lhe respondeu, parecendo de novo hipnotizada pelo palco ao fundo.

Tatiana abriu os olhos e voltou a observá-la.

– O Hugo não vai aparecer – garantiu-lhe.

– Quantos anos se passaram?

– Dez.

– Era a pena dele, não era?

– O que importa isso? Nem sabemos se está vivo ou se ainda pensa em ti – disse Tatiana.

Clara cerrou os lábios numa linha fina.

– Ele nunca me vai esquecer, muito menos o que lhe fiz naquela noite.

– As pessoas mudam na prisão, Clara. Achas que ele é o mesmo homem que conheceste?

– Não, deve ser pior.

Tatiana aproximou-se para a abraçar.

– Tu não és a mesma pessoa e agora não estás sozinha – sussurrou-lhe ao ouvido. – Já não estás no Porto, na garagem dele, nem em casa dos nossos pais. Estamos no Algarve e longe de tudo isso. Agora tens-me a mim e tens o Santiago.

– O Santiago não sabe de nada, só pioraria a situação... Imagina que ele queria ir atrás do Hugo! Não o posso pôr em perigo.

Tatiana agarrou-a no rosto com ambas as mãos para a observar melhor.

– Devias ter-lhe contado desde o primeiro momento.

Clara não lhe respondeu de imediato. Deixou-se ficar ali, caída na relva do recinto, a sentir as mãos quentes da irmã no seu rosto e hipnotizada pelos seus olhos brilhantes. Não eram, de longe, tão escuros como os dele.

– Tenho medo do Hugo – confessou, por fim.

– Não vou deixar que ele te faça mal. Confias em mim?

– Não confio nele.

– Confias em mim? – insistiu a irmã.

Clara assentiu.

– Adoro-te – confessou-lhe, num sussurro.

Tatiana respondeu-lhe com um abraço, mais curto do que esperava.

– Devo sentir ciúmes? – interrogou uma voz masculina.

Paulo caminhava com um copo de cerveja na mão, o corpo alto e esguio coberto de roupas negras que pareciam fazê-lo desaparecer na escuridão da noite. Os cabelos negros estavam despenteados, como se tivessem apanhado uma boa dose de vento.

– Estou a falar com a minha irmã. Já não tens nada para falar com os teus amigos? – perguntou Tatiana, exasperada.

– Adoro esse teu feitiuzinho terrível! – exclamou ele, puxando-a por um braço e colando os lábios aos dela.

Tatiana tentou desenhencilhar-se dele.

– Estás a ser inconveniente.

– E adoro quando te fazes de difícil.

– Não me estou a fazer de difícil – afirmou, numa voz mais doce, enquanto ele a beijava outra vez.

– Confessa que gostas que seja eu a mandar.

Ela riu-se, desviando o rosto do dele.

– Para! Olha a Clara!

– Ela nunca viu um beijo?

– Põe essa língua para dentro! – ordenou Tatiana, com ar de repugnância, mas rindo-se ao mesmo tempo.

– OK, é a minha deixa para sair – balbuciou Clara, levantando-se com a ajuda das mãos.

Tatiana interrompeu o beijo para a observar.

– Onde é que vais? – perguntou-lhe.

– Vais controlar-me, agora?

– Tu não estás bem.

– Para de te armar em mãe! – exclamou Clara, parando para fazer um quatro com as pernas, mostrando-lhe o seu equilíbrio.

– Estás a ver? Já estou bem.

– Não te vais embora só por nossa causa, pois não?

– Não tenho vocação para vela.

– Vais ver o concerto? – quis saber Tatiana, com Paulo abraçado à sua cintura.

Vou para casa, quis dizer-lhe, para o meu quarto e para minha cama quentinha dormir agarrada à fotografia da minha filha. Mas sabia que estava a tornar-se uma velha chata e insuportável e queria mostrar-lhe que ainda era jovem e louca... Não, louca não. De qualquer forma, Tatiana não a deixaria ir sem um discurso muito detalhado sobre os malefícios do álcool quando envolvia a condução de veículos. Sinceramente, não tinha paciência para ouvi-la.

– Já devia ter ido. Agora não vou conseguir passar – declarou, ao invés disso.

Tatiana não lhe respondeu, tão envolvida que estava num novo beijo.

– Não que vocês se preocupem com isso – atirou, quase num sussurro, antes de desaparecer dali.

O ambiente era o mesmo do passado, apenas os rostos eram desconhecidos e insignificantes. A multidão reunia-se em torno do palco e ela tentava, em vão, passar por entre os espaços vazios para chegar à linha da frente. As mesmas adolescentes que encontrara há pouco tropeçavam umas nas outras e saltavam com os copos na mão, derramando o líquido pelas restantes cabeças.

Estou velha, pensou.

Embora tivesse apenas 32 anos, passara-se muito tempo desde que saltara daquela maneira. Costumava ser resistente na bebida, mas até isso perdera. Quantos copos bebera? Dois? Não sabia ao certo, mas não gastara muito dinheiro em álcool e sentia-se zozza. Costumava ser a menina do *rock* que acompanhava Hugo para onde quer que fosse, mas esses tempos iam longe. Já não era uma rapariga, como as que observava mesmo à sua frente. Era uma mulher e mãe.

Levou a mão ao telemóvel e fê-lo brilhar com um dedo, mas nada. Nem uma chamada de Santiago nem da mãe. Estaria Carolina bem? Mandara-a passar umas férias no Porto, com os avós, mais por insistência da mãe que fazia sempre questão em ficar com a neta quando podia. Tudo para matar as saudades e não para lhes «proporcionar momentos a dois», como insistia em convencê-la. Só que esses momentos a dois não existiam desde que Santiago fazia largas noitadas no bar a trabalhar para conseguir mais algum dinheiro para a casa do futuro que estavam a construir.

«É um palácio?», perguntara-lhe Carolina, quando ouvira falar em casa nova.

«É um palácio para a nossa princesa», respondera-lhe Santiago, enquanto lhe pegava ao colo e lhe depositava um beijo na face.

«Como o da Bela Adormecida?»

Ele torcera o nariz.

«Não te queremos ver a dormir tanto tempo. Vais ter muito com que brincar. Vou comprar-te um baloiço.»

«Não a iludas,» interrompera-o Clara. «Não sabes se teremos dinheiro para isso.»

Santiago arregalara-lhe os olhos para que se calasse.

«Vamos ter um baloiço, sim», continuou. «E, quem sabe, um es-correga.»

Clara abanava a cabeça, em desaprovação.

«Um baloiço?», indagara a menina de cinco anos, enquanto agi-tava os braços no ar. «E uma piscina?»

Clara tossira para avisá-lo.

«Quem sabe, um dia.»

Desde que vivia na capital do Algarve que a sua casa era a mesma de sempre, onde passava os dias e as noites, quando não estava na farmácia. Depois, casara com Santiago, Carolina nascera e o desejo de ter uma casa só sua persistia.

«Porque é que não compramos uma?», sugerira-lhe Santiago, enquanto viam ambos uma revista de imóveis, sentados no sofá.

«Quero uma de raiz, que possa construir à minha maneira. Única e só minha.»

«Só tua?»

Ela rira-se.

«Nossa.»

Ele beijara-a, atirando a revista para o chão.

«Eu estava a ler!», gritara ela.

«Agora já não estás.»

«A Carolina está no quarto», avisara-o.

«E nós estamos aqui... sozinhos», frisara, passando-lhe uma mão pelo seio.

«Ela pode acordar.»

«Não me parece. Está a sonhar com a história da Bela Adorme-cida que acabei de lhe contar. Percebes o trocadilho? Adormecida.»

«Não por cem anos.»

«Não por mais de oito horas ou serei obrigado a forçá-la a levantar-se.»

Clara tossira para clarear a voz.

«Em relação à casa...»

«O que tem?»

«Gostava que fosse de raiz.»

«Há alguma coisa que eu não faça por ti?», questionara ele.

Clara abraçara-o pela nuca, enquanto soltava um risinho histérico.

«Mas tenho uma condição», avisara Santiago.

«Qual é?»

Ele aproximara-se para lhe percorrer os lábios com a língua.

«Faz amor comigo.»

Clara suspirou, sonhadora. Não se recordava há quanto tempo fora aquela cena no sofá da sala. Já raramente se encontravam, tinham os turnos trocados. Quando ela estava na farmácia, Santiago estava na Câmara. Quando ele não estava na Câmara, estava no bar. E quando não estava em nenhum dos dois, estava a trabalhar no terreno que os pais lhes haviam deixado para construir um palácio que não parecia agora mais do que uma casa assombrada. Nunca imaginou que a construção da casa lhes desse tanto trabalho ou que os afastasse tanto um do outro. Tinha saudades dele e...

De súbito, a música tinha parado, os músicos em cima do palco já não existiam e a multidão dispersara. Estava de novo sozinha no meio do relvado, sem vivalma que se aproximasse. Olhou em redor e viu que todos se dirigiam às barracas para mais um carregamento de bebida.

Começou a sentir um formigueiro no estômago. Aquela concentração de motas ainda lhe provocava sensações esquisitas dentro do peito. Pensamentos que não costumava ter, recordações que não costumava recordar. Passou os dedos pela aliança que lhe cingia o dedo da mão esquerda. Já não era a menina inocente e sem aliança que apreciara tanto as concentrações, a loucura da noite, os passeios de mota e... Hugo.

Talvez fosse um devaneio da sua mente ou a realidade, mas as motas começaram mesmo a surgir, uma a uma, o cheiro a óleo cada vez mais forte e o barulho ensurdecido dos motores.

Desviou o olhar em direção aos veículos e ao amontoado de gente que cobria o recinto e a linha da frente do palco. De repente, estava de novo em cima da mota dele, metade vermelha, metade preta. Metade sangue, metade morte, e o inferno no seu todo. A brisa do vento

arrefecia-lhe o rosto, os cabelos agitavam-se para trás com a sua força, enquanto a motorizada adquiria cada vez mais velocidade. O cheiro dele, mais uma vez, a hipnotizá-la.

«Diz-me que vou ganhar», ouviu Hugo sussurrar-lhe de novo.

«Não há ninguém melhor do que tu.»

Depois de tantos anos, tinha conseguido finalmente exorcizar a memória de Hugo ao ir à concentração de motas, mas assim que pisou o relvado do recinto, algo se acendeu dentro de si, uma chama que não trazia nada de bom. O passado não tinha ficado definitivamente para trás, pelo contrário. Voltara nesse instante. Há quanto tempo não o ajudava a recuperar as motas que o levariam a concurso e que o sagrariam vencedor? Hugo vencera sempre... com a sua ajuda.

«Preciso de ti», confessara ele, um dia. «Desse teu lado feminino que me ajuda a decorar as motas.»

«Achas que ganhas por isto?», inquirira ela.

«Também. Há muitos critérios.»

«Quais?», interrogara Clara, curiosa.

«Não vou falar contigo sobre isso.»

«Porquê?»

«Não entenderias. Conversa de homem.»

Sentia o coração a bater descompassado dentro do peito, enquanto os donos das motas se instalavam na frente do palco e o interlocutor começava a falar. Devia estar a dar início ao concurso, mas não conseguia ouvi-lo. Tudo o que ouvia era a voz de Hugo a ecoar-lhe na mente e tudo o que sentia era a falta de Santiago a seu lado, o seu ombro amigo e protetor, a sua mão segura e acolhedora que precisava tanto de apertar nesse instante. Mas não existia ombro, nem mão, nem Santiago. Só existia um enorme relvado à sua frente, gente desconhecida e o medo a atordoá-la.

Percorreu o espaço com o olhar, como se tentasse vê-lo ali, junto à mota que ambos haviam trabalhado para ser vencedora e não um simples veículo sujo e velho que percorreria as estradas. As motas dele eram mais do que isso. Mais do que motas. Tinham corpo, tinham alma e, graças a ela, uma alma um tanto feminina que lhes dava vida.

E foi então que o viu ou aquilo que restava dele. A mota, pelo menos, devia pertencer-lhe. Seria outra visão da sua mente ou seria real? Porque é que fora à concentração de motas, em todo o caso, quando a pena dele supostamente terminaria? Desejaria vê-lo, ainda que fosse para morrer?

Tinham-se passado 16 anos desde que estivera nua, pela primeira vez, em cima do capô de um carro, na garagem dele, numa fusão de corpos e de peles que ainda a assombrava, no dia em que perdera a inocência. Tinham-se passado 16 anos desde essa primeira tarde de sexo, como Hugo preferia designá-la e como ela própria a designaria agora, e os seus pensamentos sobre essa primeira vez, que se esforçara tanto por esquecer, voltavam nesse instante, quando regressava ao local que um dia fora de ambos.

Tinha o corpo entorpecido, o copo de plástico esmagado entre os dedos e os seus olhos eram um mar salgado, tentando focar o mesmo cenário e as mesmas pessoas do passado, por entre lágrimas dolorosas. Há muito tempo que não se recordava dessa cena com nitidez: o rosto de Hugo, os olhos escuros e a garagem fria e solitária. Teria sido o pior dia da sua vida com ele? Ou apenas o primeiro de muitos?

Não o viu de imediato. Não os pés nem os joelhos, não o tronco musculado, os braços e o pescoço. Nem sequer lhe viu o rosto bem delineado, os lábios grossos, o nariz achatado e os olhos escuros. Talvez tivesse medo de vê-lo. Tanto medo que a única coisa que viu foi a motorizada, as jantes polidas a espantar os mais curiosos que observavam de olhos arregalados a primeira mota a concurso, metade preta e metade vermelha, tal como se recordava. Era a mota dele, uma das que o ajudara a recuperar, mas que ele prometera jamais levar a concurso.

Não era, de todo, discreta, agora que estava recuperada, mas naquele momento compreendia o que Hugo dizia. Não tinha tanta potência como as outras. Era mais velha e mais fraca. Então, porque é que a levava a concurso?

Para me provocar, disse para si mesma. Saberia Hugo que ela apareceria nessa noite? Há quanto tempo a vigiava?

A mota que via naquele instante era a mesma que usavam para passear na época em que estavam juntos e a que Hugo mais apreciava

para fazer os seus trabalhos sujos. Não a usaria para concurso nem estava ali para isso. Estava ali para lhe fazer frente e dizer-lhe que ainda estava vivo. Mas pior do que isso, estava ali para lhe dizer que a mota sobrevivia, tal como as recordações daquele tempo e as promessas de que seriam sempre um do outro.

Adivinhara, portanto, que ele saíra da prisão? A tontura que sentira ao sair do banho nessa manhã dera-lhe o pressentimento de que alguma coisa não estava bem e de que muitas coisas correriam mal. A concentração fora um mau presságio e continuava a sê-lo. Hugo estava ali, de facto, o rosto e o corpo do passado, como se os anos que vivera na prisão não tivessem passado por ele. A mota reluzia quase tanto como o seu sorriso branco, em contraste com a pele negra, à medida que ela levantava a cabeça e se dispunha a enfrentá-lo.

«As motas não servem só para andar na estrada. Têm de ser vistas e apreciadas, como uma escultura numa exposição», dissera-lhe uma vez.

E há muito tempo que se apercebera de que também ela não era, para ele, mais do que uma mulher para andar na estrada e uma escultura numa exposição. Um troféu, como ele lhe chamava. Hugo não sabia lidar com as pessoas, apenas com troféus e objetos inanimados.

A mota brilhava à luz das estrelas que os observavam do céu pintado de negro e o banco de pele parecia mais limpo e mais macio do que nunca. Observou-lhe as calças de ganga desbotadas e depois a *t-shirt* preta com uma caveira branca. Parecia sorrir-lhe, tal como ele. Viu-lhe a barba por fazer e depois a boca, os lábios carnudos e o nariz achatado que o pai intitularia de *nariz de negro*, com a testa franzida de discriminação, antes mesmo de o conhecer.

Os olhos negros fixavam os dela como se mais ninguém estivesse no recinto. Estaria a delirar? Soube que não quando os lábios dele se moveram num gesto inaudível, onde conseguiu captar o mesmo que lhe dissera na última noite em que o viu, há dez anos, ao entrar para o carro da polícia.

«És minha.»